

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
PSICANÁLISE  
DE PORTO ALEGRE



# Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.17 NÚMERO 01 - AGOSTO 2013



## Tempo ...Tempo...Tempo...

20 anos e um século

“...O sonho de uma maior integração se realiza...” | Helena Surreaux | p. 3

## Uma história para contar, uma vida pela frente

Queridos colegas,

É com satisfação que entregamos a vocês mais um número do nosso Jornal.

Quero manifestar a minha alegria ao constatar o quanto os colegas coordenadores das comissões têm se empenhado e mostrado interesse em se fazer presentes, divulgando suas atividades neste espaço. Também quero ressaltar o aumento considerável do número de comissões que foram criadas no último ano, mostrando uma Sociedade pulsante, dinâmica e fértil. Em relação ao tema desta edição, não foi nada difícil escolhê-lo, uma vez que estamos de parabéns, comemorando os 20 anos da condição de Grupo de Estudos referendado pelo *Business Meeting* do IPAC, em Amsterdã, e da eleição da nossa primeira diretoria constituída por Lores Pedro Meller (presidente), José Luiz F. Petrucci (secretário), Izolina Fanzeres (tesoureira), Ana Rosa C. Trachtenberg (secretária científica) e Gley Pacheco Costa (*Liaison*), em 1993. Para marcar essa data, trazemos os depoimentos de fundadores da Brasileira, recordando na seção “20 anos em poucas linhas” a nossa história tecida com trabalho árduo e persistente, com ideais e valores democráticos, numa convivência com liberdade, compondo com as diferenças e desejando vida longa a nossa casa agora mais ampla, mais iluminada, no coração da nossa cidade, onde a vida acontece.

É também o ano do centenário de “Totem e Tabu”. Para prestar uma homenagem a esse texto magistral e emblemático de S. Freud, os colegas Ana Paula Terra Machado e Ignácio Paim elaboraram textos interessantes.

Estamos, então, imersos no tema “Tempo”. E, para falar dele, convidamos o físico Mário Novello, que escreve um instigante e complexo texto. Nosso colega Júlio Campos aceitou o desafio de comentar esse texto, ao mesmo tempo que traz suas ideias a propósito do enriquecimento que temos ao aceitar e integrar referenciais de outras ciências.

Não podíamos deixar de nos manifestar, enquanto psicanalistas, a propósito dos últimos acontecimentos sociais de âmbito nacional que sacudiram todos nós. Para tanto, trazemos as reflexões dos colegas Leonardo Francischelli (“O Outono Brasileiro”) e Celso Gutfreind (“Psicanálise e Protesto”). E, por último, mas não menos importante, uma poesia do jovem psicólogo e poeta João Vitor Haeberle Jaeger.

Quero ainda agradecer a parceria indispensável da comissão editorial: Celso Gutfreind, Fátima Fedrizzi, Rodrigo Boettcher, Ananda Feix e Helena Mello. É um prazer trabalharmos juntos. Meu muito obrigada também a todos que aceitaram prontamente nosso convite para escrever, para mandar notícias, poesia, enfim, que fizeram esta edição possível.

A todos, uma ótima leitura.

**Ester Malque Litvin**



# Jornal da Brasileira

Jornal da Brasileira

Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Maurício Cardoso, 07 – CEP 90570-010

– Porto Alegre – RS – Brasil

Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857

[www.sbpdepa.org.br](http://www.sbpdepa.org.br) | [sbpdepa@sbpdepa.org.br](mailto:sbpdepa@sbpdepa.org.br)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

#### DIRETORIA

Presidente: Dra. Helena Ardaiz Surreaux

Secretário: Dr. Newton Maltchick Aronis

Tesoureiro: Dr. Lores Pedro Meller

Comissão Científica:

Dra. Astrid Elizabeth Müller Ribeiro

Comissão de Comunicação:

Dra. Ester Malque Litvin

Comissão de Relações com a Comunidade:

Dra. Patrícia R. Menelli Goldfeld

Comissão Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP):

Dra. Ane Marlise Port Rodrigues

#### INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Dr. José Luiz Freda Petrucci

Secretário: Dr. Flávio Roithmann

Coordenador da Subcomissão de Formação:

Dr. Gildo Katz

Coordenador da Subcomissão de Seminários: Dr. José

Ricardo Pinto de Abreu

Coordenador da Subcomissão da Infância e Adolescência:

Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni

Associação de Membros do Instituto:

Dra. Magda R. Barbieri Walz

#### NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência:

Dra. Eluza Maria Nardino Enck

Núcleo de Vínculos:

Dra. Denise Zimpek T. Pereira

Núcleo Psicanalítico de Florianópolis:

Dr. Márcio José Dal-Bó

Grupo de Estudos Espaço Potencial:

Dra. Caroline Milman e Dr. Paulo Picarelli Ferreira

e Grupo de Estudos Pró-Criar

Grupo de Estudos Metapsicologia Freudiana enigmas e vicissitudes

Comissão de Memórias e Arquivos:

Jeanete Suzana N. Sacchet

Comissão de Interiorização e Universidade:

Sandra Bertoldi

Comissão de Mídias: Léia Maria Klöchner

Comissão de Projeto Social

Comissão de Educação a Distância

Comissão de Pesquisa

Membro Honorário: Dr. David Zimmermann

#### JORNAL DA BRASILEIRA

Editor: Dra. Ester Malque Litvin

Conselho Editorial: Dr. Celso Gutfreind, Dr. Rodrigo

Boettcher, Dra. Fátima Maria Tonolli Fedrizzi

Jornalista Responsável/Editoração: Helena Mello

Revisão de português: Antônio Paim Falcetta

Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica

Assistente Editorial: Ananda Feix

Secretária: Micaela Wunsch

Execução Gráfica: Calábria - Tiragem: 500 exemplares

## Coluna da Presidente

Este jornal nos fala do tempo e, na voz dos orgulhosos fundadores da Brasileira, festeja os 20 anos de seu nascimento.

Uma história marcada por feitos transcendentais, ímpeto, idealismo, muito trabalho e, principalmente, pela força criadora daqueles que constroem o novo. Isto porque a então incipiente Sociedade era animada pela promessa de ser uma alternativa democrática e inclusiva na transmissão da psicanálise. O desejo, força propulsora do humano, bem mapeado pela psicanálise, era o guia do acontecer na Brasileira.

E esse foi sempre o desafio que o grupo enfrentou com galhardia nesses 20 anos: lutar pela vigência dos ideais democráticos e da força do desejo no cotidiano da vida institucional. Passado o momento mítico da fundação, naturalmente incensado pela paixão, como manter, frente às vicissitudes da vida “real” os ideais que nos deram identidade no início de tudo?

A particular configuração de relações que se estabelece nas instituições psicanalíticas, que promove a convivência de analistas didatas e pacientes, supervisores e supervisionados, professores e alunos, com a inerente coreografia transferencial é responsável por alguns problemas e muitos riscos para esta ética do desejo e da alteridade, contida nos ideais da nossa Sociedade.

Frente a tal desequilíbrio de forças, torna-se um desafio resistir à tentação de exercer algum autoritarismo subliminar em prol de certos regozijos narcisistas em âmbito institucional.

Difícil também transcender as distintas origens dos membros e sustentar um diálogo possível no desconforto das diferenças. É preciso tenaci-

dade e convicção nos princípios de respeito à alteridade para não sucumbir às fantasias de ruptura que se impõem nos períodos de maior vulnerabilidade.

Mais difícil ainda, no árido curso da vida institucional, talvez seja não perder a poesia...E o grupo que constituía a Brasileira foi crescendo e navegando nessas águas, por vezes turbulentas, mas sempre guiado pelos princípios da fundação. Essa bússola imprescindível auxiliava a desviar os atalhos das “soluções fáceis”, que vêm de demandas de gratificações narcisistas como fim prioritário. Foi-se, assim, construindo uma Sociedade complexa, reflexiva e, sobretudo, viva e desejante.

Hoje, entrando na idade adulta, com um grande contingente de membros formados na casa, vivemos a experiência de encaminhar os impasses relacionados com a transição do poder para as chamadas “novas gerações”. Emblemático deste processo é a assunção da presidência da Sociedade, pela primeira vez, por um membro não pertencente à categoria de fundadores.

Junto à minha equipe de diretores, nos sentimos profundamente partícipes e construtores desse espaço transicional.

Este importante aniversário nos encontra também vivendo uma mudança concreta, já que recentemente a SBPdePA mudou de endereço. A casa que nos abrigou dignamente durante 15 anos dava claros sinais de cansaço e as condições deficitárias das instalações já não comportavam mais os nossos sonhos. Movidos pelo desejo de algo novo pulsando incessante dentro de nós, encontramos a moradia que buscávamos.

Hoje vivemos a alegria de habitar uma casa cheia de

Foto: Ester Maigue Litvin



luz e de história, situada numa área da cidade em que a beleza da arquitetura e da paisagem convidam a caminhar e a olhar. Muitos de nós chegam a pé, vindo dos consultórios vizinhos e geralmente sorrindo, ainda festejando intimamente a nova condição espacial da Brasileira. O sonho de uma maior integração se realiza quando os grupos de colegas se juntam a conversar animadamente nos restaurantes ao redor da casa. Só fica difícil resistir ao vinho, estrela que se impõe e cela essa grande experiência de fruição estética. Talvez com o tempo encontremos o equilíbrio. Por enquanto, um pouco de tolerância, estamos festejando! E nossa nova casa é um belo presente de aniversário, não concordam?

Para finalizar, meu profundo agradecimento aos fundadores da nossa Sociedade e também aos que vieram depois e que, junto a esses pais carinhosos e à força das marcas que nos deixaram, seguem trilhando a história da Brasileira.

*Helena Surreaux.*

## Resgatando a história da Brasileira

A Comissão de Memórias e Arquivos surgiu da confluência de uma ideia pessoal minha e de um convite da Presidente Helena Surreaux para que eu assumisse a coordenação dessa comissão, no dia 06 de dezembro de 2012. Como primeira iniciativa, foram feitas entrevistas com os fundadores da Brasileira para que expressassem seus sentimentos a respeito do início e da atual SBPdePA, passados 20 anos desde sua fundação como Grupo de Estudos. Estes depoimentos foram filmados, editados e apresentados, em 15 de dezembro de 2012, por ocasião do jantar anual de confraternização da Sociedade, ao som de “As Quatro Estações” de Vivaldi. A Comissão de Memórias e Arquivos segue reunindo material para constituir nosso acervo e registrar nossa história.

*Jeanete Suzana Negretto Sacchet*

## Pós-graduação aprofunda estudos

No mês de março de 2013, teve reinício o Curso de Pós-Graduação “Psicanálise e Educação”, na UniRitter, em convênio com a SBPdePA, em sua terceira edição. Neste semestre, seguiremos abordando os Desenvolvimentos Pós-freudianos em Lacan, seguindo o programa do semestre anterior, em que foram estudados Winnicott e Bion. Visando aprofundar o estudo da importância da psicanálise para a educação e do quanto esses autores contribuem para o processo de aprendizagem, contamos, além das aulas regulares, com seminários de

integração e trabalhos de grupo e pesquisa. O estudo dos aportes de Lacan abordou a constituição da subjetividade, a partir do estágio do espelho, a importância da linguagem através do significante e do significado, do inconsciente estruturado como uma linguagem, a função paterna/materna e os vínculos familiares, o desejo de aprender, o sujeito do inconsciente e os três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário, e a formação do sujeito da cultura e dos laços sociais.

*Laura W. da Rosa*

## Associação dos Membros do Instituto

### Com a expectativa de uma gestão produtiva

Nossa AMI já tem uma história, uma identidade e experiências para contar. Assumimos a presidência para o biênio 2013/2014 com o desejo de manter a ideologia do trabalho que busca fortalecer e inovar os vínculos com nossos pares, pois acreditamos que o eixo das transferências faz parte da nossa FORMA de AÇÃO. É na diversidade das trocas que ganhamos qualidade humana.

Começamos nosso ano letivo com a aula inaugural, que teve como tema “TORNAR-SE PSICANALISTA”. A inspiração para a escolha deste título veio de várias fontes. É um assunto que está em nosso dia a dia,

nas leituras, nos encontros, na clínica. Os colegas Newton Aronis, Eluza Enck e Christiane Paixão apresentaram ideias de forma autêntica e criativa, o que motivou a plateia a participar, tornando o encontro agradável e produtivo.

Estivemos também no I Encontro Brasileiro de Candidatos: DIÁLOGOS, IDENTIFICAÇÕES E SINGULARIDADES, ocorrido no Rio de Janeiro. Foi um momento rico, no qual representamos nossa sociedade e trocamos pensamentos e experiências com colegas de todo o Brasil. Percebemos mais uma vez que nosso lugar é de permanente construção.

Assim, com esses iniciais e intensos momentos de gestão, reforçamos nosso desejo de trabalhar para novos encontros, novas possibilidades de trocas e singularidades, motivando os colegas a participarem cada vez mais, ocupando os espaços que nos pertencem com liberdade e determinação, para viver criativamente a Psicanálise. E com o tempo e vivências adquiridas, certamente perceberemos que tornar-se Psicanalista é um constante refinamento.

*Magda Barbieri Walz*

## Revisando conceitos

O Grupo Espaço Potencial segue seus encontros, tendo como eixo central o pensamento de D. W. Winnicott, mas circulando entre vários autores que, de uma forma ou de outra, se amparam em suas ideias. Além do estudo teórico, o grupo também tem uma proposta de discutir a clínica de forma ampla, tal como se manifesta na contemporaneidade, lançando desafios novos e exigindo novas estratégias. Pensando nisso foi que se decidiu iniciar o ano de 2013 com a leitura do livro “Esta arte da psicanálise – sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos”, de Thomas Ogden. Com sua peculiar e profunda capacidade de revisar conceitos da psicanálise, ampliando e contribuindo com a própria experiência, Ogden tem sido um dos autores de grande estímulo para o grupo.

Caroline Milman e  
Paulo Picarelli Ferreira

## Mais acesso ao tratamento psicanalítico

O Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA foi criado em 1999 e vem proporcionando à comunidade um maior acesso ao tratamento psicanalítico. Após o contato com a secretaria, o paciente é encaminhado a um analista da instituição, que realiza a avaliação em seu consultório.

Em um levantamento de 2008 (Milman e Squeff), foi constatado que a maioria dos que procuraram atendimento chegou por intermédio do *site* da SBPdePA.

Em pesquisa recente sobre pacientes que chegaram entre janeiro de 2012 e janeiro de 2013, o *site* foi a fonte de encaminhamento para 51%. Os demais foram referidos por amigo (26%), profissional (19%) ou familiar (4%). Portanto, fontes além do *site* representaram 49%. Pode-se inferir que o CAP tornou-se mais conhecido em nosso meio como referência a um tratamento psicanalítico confiável.

Da totalidade, verificou-se que 73% dos pacientes eram do sexo feminino e 27% eram do sexo masculino. Quanto à idade, 58% estavam entre 21 a 35 anos e 22% entre 36 a 50 anos. Observa-se que adultos jovens foram a maioria. Esses dados assemelham-se aos de 2008.

O grupo de analistas do CAP reúne-se mensalmente, sendo uma reunião diurna e uma noturna. Nesse espaço, vem debatendo questões relativas à prática analítica, como encaminhamento, valor da consulta, frequência, primeiras entrevistas, ritmo, transferência, contratransferência e adesão ao tratamento. Dessas discussões nasceu um trabalho preliminar que pretende ser aprofundado ao longo do ano e que se intitula “Primeiras entrevistas: reflexão em torno da adesão ao tratamento em pacientes recebidos através do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA”.

Seguindo a tradição do CAP, também teremos duas reuniões clínicas nas quais a teoria e a técnica analíticas são sempre, com entusiasmo, cotejadas.

Ane Marlise Port Rodrigues

## Relações com a Comunidade

### Atividades empolgam os alunos e ampliam debates

A Diretoria de Relações com a Comunidade informa que as mudanças realizadas no curso permitiram a entrada de cinco novos alunos na terceira turma do Pós-Graduação em Psicanálise e Educação da UniRitter nesse segundo Módulo. Os participantes estão muito motivados e empolgados com os novos conhecimentos em psicanálise e os seminários ministrados proporcionaram interessantes e profundas discussões entre os conceitos estudados e a experiência didática dos alunos. No primeiro semestre, a UniRitter passou a integrar o grupo internacional *Laureate Universities* e a Professora Denise Ceroni foi designada como nova coordenadora. A atual administração tem proporcionado oportunidades de uma maior participação da Diretoria de Relações com a Comunidade da SBPdePA na organização do curso, o que vem nos permitindo aprimorá-lo.

As mesas de cinema continuam acontecendo com significativa afluência de participantes. No dia 6 de abril, foi discutido o filme “O Visitante”, sob a coordenação de Rosa Squeff com as importantes contribuições dos colegas José Luiz Petrucci, José Ricardo Abreu e Rosa Avritchir. Os estudos de casos clínicos com Newton Aronis, e os grupos de estudo com Marco Aurélio Albuquerque, Ana Rosa Trachtenberg e Cynara Kopittke mantiveram alto nível de procura e participação. Existe espaço e interesse para a coordenação de novos grupos de estudo (autores ou temas), para quem tiver disponibilidade.

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

## Portas abertas

Este primeiro semestre de 2013 foi marcado por atividades instigantes na Brasileira. Iniciamos em março, recebendo o psicanalista Daniel Delouya (SBPSP), que refletiu sobre “Totem e Tabu 100 anos depois: desdobramento na clínica e na cultura”. Em abril, Virgínia Ungar (APdeBA) foi a convidada para a V semana do NIA na Brasileira, com o título “As experiências arcaicas e suas linguagens”. Em maio aconteceu a homenagem póstuma a Fídis Cesio (APA), quando recebemos sua esposa, Adriana Sorrentini (APA), que, carinhosamente, discorreu sobre temas aprofundados pelo estimado colega argentino: “letargo, tragédia edípica e reação terapêutica negativa”. Esse evento contou com a participação dos colegas Fernando Kunzler, Leonardo Francischelli e Lore Meller. Em junho aconteceu o V Encontro Latino Americano de Família e Casal, promovido pelo Núcleo de Vínculos e Transgeracionalidade, com o apoio da Comissão Científica. No mesmo mês, Henrique Honigsztein (SBPRJ) apresentou “A gênese da mente destrutiva”, por meio do relato do diário particular de Goebbels. Nesse evento contamos com a participação do professor Donald Schüller e do filósofo Júlio Bernardes. No mês de julho, apresentamos a “Primeira Mostra Científica” de trabalhos desenvolvidos pelos colegas da Brasileira. Concomitantemente a todos esses eventos, a tradicional “A Brasileira na Cultura 2013” abordou o tema “Ilusão e Desilusão do Homem: a confusão entre ser e ter”. Novamente um sucesso de público e de convidados. Até o momento contamos com Lya Luft, Mônica Guazzelli, Júlio Bernardes, Patsy Ceccato, Flávio Pechansky, João Satt, André Machado e Donald Schüller, além dos nossos psicanalistas Gley Pacheco Costa, Celso Halperin, Beatriz Behs e Gildo Katz. Para os próximos encontros, Mauro Deos, Júlio

Conte, Mônica Timm, Cíntia Moscovich, Gilberto Schwartzmann, Fabricio Carpinejar e os psicanalistas João Antônio D’Arriaga, Elusa Nardino Enck e Caroline Milman já confirmaram suas presenças! Para a segunda quarta de cada mês, foi criada a “Quarta Científica”, um espaço que contempla nossa “Prata da Casa”. Inicialmente tivemos a participação dos colegas Julio Campos, com o trabalho “Os criativos são longevos?”, Ignácio Paim, com “O Enigma do tempo: Freud e sua temporalidade”, Roberto Graña, em “O declínio da interpretação”, e Celso Gutfriend, com o trabalho “Do arrotto à palavra, da literatura à psicanálise”. Para o segundo semestre, estão agendados os colegas Helena Surreax, Leonardo Francischelli, Laura Rosa, Gley Pacheco Costa e Julio Campos. Em agosto acontece, em nossa nova sede, o XXI Encontro Inter-Regional de Crianças e Adolescentes da FEPAL, com a temática “Brincar, criar e viver na atualidade: impactos da cultura sobre a criança e o adolescente”. Para esse evento, teremos os seguintes convidados: Evelyn Pedrique (Venezuela), Julio Avalos (Argentina), Sérgio Eduardo Nick (Brasil) e Victor Guerra (Uruguai). Também em agosto homenagem póstuma a Pontalis, com os colegas Celso Halperin e Renato Trachtenberg. Setembro aguarda a psicanalista Patricia Alkolombre (APA), convidada por iniciativa do grupo de estudos Procriar em parceria com a Comissão Científica. Em outubro, teremos o I Encontro Latino-Americano de Escrita e Psicanálise com vários convidados internacionais. Para o fechamento do ano e desta gestão em novembro teremos o “Colóquio das obras de Sigmund Freud” com o psicanalista argentino Ricardo Avenburg (APdeBA) e a apresentação da peça de teatro “A última sessão de Freud” uma parceria da nossa Sociedade com a OPUS.

## Evento de sucesso

Desde o final de 2012, o Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional veio preparando, em conjunto com a Comissão Científica, o V Encontro Latino Americano da Comissão de Vínculos Família e Casal da FEPAL, realizado nos dias 8 e 9 de junho e sediado pela 1ª vez por nossa Sociedade. Coordenado pela Dra Ana Rosa Trachtenberg teve como convidadas especiais Janine Puget e Sonia Kleiman (AR) cujas conferências trouxeram atualizações em termos de Psicanálise Vincular, uma teoria que apresenta novos paradigmas do encontro psicanalítico individual e de família.

Também convidados, os colegas Lia Cypel (SP), Maria Helena Junqueira (RJ), Nelson Gottlieb e Victor Guerra (UR) participaram dos painéis e oficinas do encontro. Contamos ainda com a apresentação de 16 temas livres de vários estados brasileiros e do exterior, obtendo sucesso de público e participação com trocas entusiasmadas entre os palestrantes e colegas que vieram nos prestigiar. Na mesma ocasião, foi conferido o Prêmio Isidoro Berenstein para o melhor tema livre: Abordagem psicanalítica contemporânea dos vínculos tóxicos e traumáticos de Gildo Katz e Gley Costa. Também foi lançada a edição de 2013 do livro “Transgeracionalidade: De Escravo a Herdeiro Um Destino entre Gerações” das colegas Ana Rosa C. Trachtenberg, Cynara Kopitke, Denise Zimpek Pereira, Vera Dolores Maineri Chem e Vera M<sup>a</sup> Homirich Pereira de Mello.

*Denise Zimpek Pereira*

## Agenda intensa

O Núcleo de Infância e Adolescência se propôs a realizar, neste ano, três importantes atividades, sendo que a primeira ocorreu nos dias 10, 11, 12 e 13 de abril de 2013: a “V Semana do NIA na Brasileira”, com uma participação significativa de público interno e externo e com a presença da convidada especial, a psicanalista Dra. Virgínia Ungar (APdeBA).

A segunda atividade, iniciada em abril e em andamento, se trata do curso “Aproximações à Neuropsicanálise”, ministrado pela neurologista Dra. Maria Sônia Göergen, que contou com a participação de um grande grupo, composto de colegas da nossa Sociedade e de público externo.

Na terceira atividade proposta, o NIA integra a Comissão Organizadora do “XXI Encontro Inter-Regional de Crianças e Adolescentes da FEPAL”, a ser sediado na SBPdePA de 30 a 31 de agosto de 2013.

O Grupo está composto pelas colegas Adriana Ampesan, Aline Pinto e Silva, Caroline Milman, Eluza Maria Nardino Enck (coordenadora) e Magda Martins Costa.

## Movimentos

Gildo Katz e Gley P. Costa, membros efetivos e didatas da SBPdePA ganharam com o trabalho “Abordagem psicanalítica contemporânea dos vínculos tóxicos e traumáticos” o prêmio “Isidoro Berenstein” concedido no V Encontro Latino Americano da Comissão de Vínculos, Família e Casal da FEPAL sobre o tema “Psicanálise dos vínculos: novos dispositivos clínicos”, ocorrido em 7 e 8 de junho de 2013.

Renato Trachtenberg escreveu o capítulo 11: “Caesura, denial and envy” do livro “Growth and Turbulence in the Container/Contained”, lançado em 2013, pela Routledge (Londres e Nova York), editado por Howard Levine e Lawrence Brown.

Eluza Nardino Enck, coordenadora do NIA da Brasileira, esteve representando a SBPdePA nas “XX Jornadas Interregionales de Niños y Adolescentes de la FEPAL”, ocorrida na Cidade do México, nos dias 7 e 8 de junho/2013.

Participação marcante dos colegas da Brasileira no XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise, a se realizar de 25 a 28 de setembro, em Campo Grande-MS ministrando cursos, participando de Painéis e Mesas Redondas, apresentando temas livres e coordenando mesas.

Membros novos no Instituto:

No 1º Semestre/2013

Antônio Brum, Bruna Fernandes, Catarina Costa, Cláudio Leitão, Mara Brum

No 2º Semestre/2013

Patrícia Viviani Silva

Passagem para membro titular:

Anne Marlise Port Rodrigues

Celso Gutfreind

## Cresce o interesse pela psicanálise

É com grande satisfação que temos, na Diretoria do Instituto, recebido um número bastante expressivo de solicitações de ingresso na formação psicanalítica por nós oferecida, contrariando certo pessimismo ouvido há não muito tempo sobre a possibilidade de novas solicitações de ingresso de postulantes. Temos, de concreto, que já no 2.º semestre deste ano colegas iniciarão os seminários; para o primeiro semestre de 2014, esse número será maior.

Mais uma vez, a Diretoria do Instituto expressa seus agradecimentos à editoria de nosso Jornal pela abertura deste espaço.

José Luiz F. Petrucci

*Queria encontrar nas ruas por onde ando  
Os caminhos que já percorri  
Mas nas esquinas em que me perco  
Só há sombras do meu desejo*

*Meus passos não cabem nas calçadas  
E as casas estão todas cobertas  
Cubro-as com minhas lembranças  
Escondo-as de minhas memórias*

*Talvez existam outras estradas  
Que me levem para o mesmo caminho  
Onde sigo com minhas pegadas  
Para lugares a que nunca chego*

*Pois é a saudade um verbo conjugado no passado  
De histórias que nunca deixaram o presente  
As horas avançam no relógio  
Mas o tempo descansa no meu peito*

*E o coração ponteiro sem destino  
É que pulsa o ritmo da vida*

**João Vítor Haerberle Jaeger**

# Por que não podemos voltar ao passado?

Mário Novello \*

Em 1949, o matemático austríaco Kurt Gödel provocou uma revolução no mundo da ciência ao produzir uma resposta inusitada e ao mesmo tempo tecnicamente irrefutável à questão apresentada no título deste texto. De sua análise se conclui que a humanidade nunca teve e nunca terá a possibilidade de percorrer um caminho que leva ao passado porque o campo gravitacional na vizinhança da Terra é fraco.

Como entender essa explicação? Como os cientistas puderam dar sentido a tal afirmação, que parece inverossímil aos não iniciados?

O ponto de partida se inicia em 1915, quando o físico alemão Albert Einstein alterou profundamente a interpretação de Newton do fenômeno de interação gravitacional. Segundo ele, a gravitação nada mais é do que consequência de modificações da geometria do mundo produzidas pela ação da matéria ou da energia de qualquer forma. Assim, a noção de distância, quer seja no espaço ou no tempo – ou melhor, no espaço-tempo –, é controlada pelo que chamamos “força da gravitação”. Em linguagem moderna, o campo gravitacional é o responsável por fixar os caminhos pelos quais os corpos se movimentam no mundo. Ou seja, a estrutura do tempo é determinada pela interação gravitacional.

Essa função que foi atribuída ao campo gravitacional é uma resultante natural do caráter universal dessa força. Contrariamente às outras três forças que os físicos descobriram – a força eletromagnética e as forças nucleares fraca e forte –, nada pode subtrair-se à ação da gravitação. Dito de outro modo: tudo o que existe possui interação gravitacional. Podemos até mesmo definir a palavra existir por meio desse processo de interação: existe aquilo que interage pela gravitação. Essa universalidade é sintetizada na frase “Caio, logo existo”. É essa característica da gravitação que a qualifica para ser a responsável pela determinação da configuração daquilo que Newton e seus seguidores

consideravam a “arena” na qual os processos físicos ocorrem.

Naquela física pré-relativista, a estrutura da geometria do mundo era dada *a priori*, fixada pelos deuses. Não fazia parte do drama da substância com que descrevemos tudo-que-existe. A partir de 1915, essa situação se alterou profundamente e, embora difícil de ser assimilada pelo senso comum, a geometria do mundo é efetivamente uma consequência dos processos físicos associados à gravitação.

A gravitação foi, assim, identificada com a geometria do espaço-tempo, sendo a quantificação da intensidade da curvatura associada a essa geometria. Ou seja, a matéria ou energia sob qualquer forma produz uma curvatura no espaço-tempo.

A dificuldade em assimilar essa ideia está relacionada ao fato de que essas modificações na geometria não são percebidas em nosso cotidiano. Isso se deve ao fato de que em nossa vizinhança terrestre, como a intensidade do campo gravitacional é muito fraca, não percebemos com nossos sentidos essa modificação. Assim, a antiga descrição newtoniana como uma força e não como geometria pode ainda ser usada como uma boa aproximação da descrição de processos gravitacionais na Terra, o que fazemos em nosso dia a dia.

Para que essa alteração na geometria possa ser percebida, devemos estar em presença de campos muito mais intensos, que não estão à disposição em nossa vizinhança. De modo semelhante, nossos sentidos não permitem experimentar diretamente a presença e a ação de um átomo, de uma partícula elementar, como o elétron ou o neutrino, pois sua ação sobre nossos sentidos é extremamente fraca.

Pois bem, Gödel mostrou que na teoria de Einstein da gravitação podem existir situações em lugares (não na Terra nem em nossa vizinhança) nas quais o campo gravitacional é suficientemente intenso, de tal modo

a permitir acontecer aquilo que chamaríamos de “volta ao passado”.

Por esses caminhos, um corpo passaria duas vezes pelo mesmo lugar e no mesmo tempo. Dito de outro modo, naquelas regiões de campo gravitacional extremamente intenso e com certas características especiais, ao caminharmos para o futuro, afastando-nos de nosso passado, estaríamos também a cada momento nos aproximando desse passado. Tal situação, que não faz parte de nossa experiência cotidiana, além de produzir um mal-estar metafísico entre nós, conduz inevitavelmente a uma profunda mudança no conceito linear de tempo que sempre fez parte daquilo que chamamos de senso comum.

Como conciliar essa possibilidade física com aqueles paradoxos lógicos que tradicionalmente emergem dessa discussão? Por exemplo, se volto ao passado, poderia matar meu avô inviabilizando o nascimento de minha mãe e conseqüentemente o meu próprio. Quem, então, teria voltado ao passado? Os físicos lidaram com essa questão e produziram soluções técnicas. O que elas nos permitem dizer envolve uma mudança radical na descrição do mundo. Pensávamos que cada evento possuísse uma liberdade total e quase absoluta de ocorrer, desde que não violasse as leis físicas. O que essa característica de curvas-que-levam-ao-passado permite concluir é que isso não é possível.

Temos uma liberdade local de eventos, mas não global. Dito de outro modo: um processo físico não depende somente do que acontece em sua vizinhança, mas tem uma componente global que diz respeito ao universo como uma totalidade solidária.

Transladando essa dependência para nosso mundo do cotidiano, tudo se passa como se uma decisão individual tivesse somente uma limitada dose de independência. Uma boa parte dela depende de um processo global que transcende a individual



lidade. Ou seja, o Universo entendido como uma totalidade é solidário. Suas partes não têm autonomia, a não ser quando se trata de procedimentos mínimos, como aqueles que ocorrem na Terra ou na sua vizinhança.

Essa visão parece ser um rude golpe no orgulho de nossa espécie, além mesmo de nossa individualidade. Mas se limitarmos nossas atividades a pensar somente nos processos que ocorrem aqui e agora, ou seja, na Terra, essa liberdade pode ser entendida como completa, pelo menos no que diz respeito às leis físicas. No entanto, ao pensarmos a Terra na Via Láctea com suas centenas de bilhões de estrelas e mesmo para além dessa galáxia, nas centenas de bilhões de galáxias que consistem nosso horizonte observável, ou seja, nessa totalidade que chamamos o universo, e se Einstein-Godel têm razão, os processos que controlam os movimentos dos corpos não dependem somente de suas interações locais, mas possuem uma componente global.

Ou seja, o Universo se encarrega para que nele, no mundo, não apareçam contradições. É disso que ele se ocupa. Essa sua natureza formal. Mais do que isso, nós, físicos e cosmólogos, não podemos dizer.

#### Referência

M. Novello: *Máquina do tempo (um olhar científico)* Editora Jorge Zahar 2005.

\* Mario Novello é pesquisador-emérito do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (Rio de Janeiro) e Faculty-member do International Center for Relativistic Astrophysics (Roma e Pescara).

## Os psicanalistas e os físicos

Júlio Campos \*

Entendo que seja difícil. Os físicos têm, para nós, uma linguagem herméctica proveniente da matemática. E uma lógica, uma maneira de fazer com que os fios formem seu tramado, bastante distinta da nossa que derivamos das ciências humanísticas. Mas deveríamos, por incontáveis razões, prestar muita atenção ao que dizem para nosso próprio desenvolvimento como ciência.

Apresentarei dois argumentos para substancializar minha tese. O primeiro é que acredito que os conhecimentos humanos estão entrelaçados tendo por base os preceitos definidos pelas teses da chamada CONSILIÊNCIA. Este termo foi criado por William Whewell (1794-1866), cientista inglês, filósofo e historiador da ciência e tinha como objetivo estudar as confluências e vínculos entre todas as formas de conhecimento humano. O enriquecimento do saber moderno revita-lizam estes conceitos, fazendo da física e da química toda a base estruturante do funcionamento de qualquer parte do Universo. Não existe psíquico sem funcionamento neuronal e sináptico. Visto deste ângulo toda a acepção psicanalítica teria, necessariamente, que estar em sintonia com estas leis básicas do funcionamento do mundo para serem verdadeiras. Um exemplo nosso de cada dia pode ser a “compulsão à repetição”, conceito que é uma das pedras angulares de todo o pensamento freudiano já que todas as teorias psicanalíticas sobre os sintomas, transferência, etc, são baseadas nele. Mas é fundamental enxergar que desde os primórdios da ciência este conceito sempre esteve presente. Seria impossível para um Maia fazer seu detalhado calendário se partisse do princípio que a diáde dia-noite não se repetisse no amanhecer seguinte ou que as estações do ano não tivessem uma sequência sempre idêntica.

Um segundo argumento para darmos muita atenção ao físicos provém das inquietantes palavras de Eric Kandel (1929-), prêmio Nobel de Medicina de 2000 por suas pesquisas das transmissões de sinais entre as células do cérebro humano. Este profundo conhecedor das teorias psicanalíticas é de opinião de que nossa ciência teve uma brilhante evolução durante a primeira

metade do século XX e sofreu uma estagnação durante os outros 50 anos, apesar de considerar como muito positivo todo o referente aos novos conhecimentos que a observação de bebês pode injetar na nossa teoria evolutiva do ser humano. É mais um cientista atual a considerar os psicanalistas como herméticos e que, quando buscam provas daquilo que estão dizendo, procuram sempre os mesmo recursos: suas próprias publicações anteriores e sempre Freud, como se fosse um oráculo. Disse Freud ... , e está provado. Esta atitude é diametralmente oposta a cientistas como o físico e prêmio Nobel Murray Gell-Mann que busca, através do estudo da complexidade, as leis fundamentais subjacentes a todas a ciências. Foi durante a leitura de seu livro “O Quark e o Jaguar” que a importância de escutar outros conhecimentos, de outras áreas, se tornou uma necessidade epistemológica para mim. Em especial quando me dei conta de que ele, quando fundou seu instituto para estudar as relações entre o simples e o complexo (vai da organização de um formigueiro, à evolução das ações na bolsa até a resistência das bactérias aos antibióticos), não convidou nenhum psicanalista para fazer parte. Embora as teorias psicanalíticas sejam usadas em praticamente todas as teses. Mais alarmado fiquei quando constatei que seu livro culminava numa tentativa de considerar o aprendizado e a criatividade como manifestação de sistemas adaptativos complexos enquanto que a superstição e o ceticismo eram falhas deste mesmo processo. E fiquei curiosamente atônito quanto li que todos os neuróticos obsessivos, em qualquer parte da Terra, não importando a cultura de onde provenham, têm os mesmos sintomas (lavar as mãos, por exemplo), o que prova para ele que os sintomas psíquicos são uma simplificação dos processos mentais. Ou seja, Gell-Mann assim como os astrofísicos Mario Livio e Marcelo Gleiser, estão interessados em desvendar os fascinantes mistérios do mundo e, para isto, desconhecem as barreiras epistêmicas artificialmente criadas pela divisão das ciências.

A menos que julgemos que estas pessoas estão se intrometendo em nossa seara, que estão invadindo nosso cercado, deveríamos dar-lhes mais atenção para o nosso próprio enriquecimento.

\* Psicanalista da SBPdePA

## 20 anos em poucas linhas

“Sinto-me extremamente gratificado por ter acompanhado todos os passos da nossa Sociedade, desde os primeiros, quando criamos, em 1990, o Movimento por uma nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre, o qual se constituiu na pedra fundamental da SBPdePA. Durante esse período, ocupei os mais variados cargos, tanto na Diretoria quanto no Instituto, e desempenhei todos eles com muito entusiasmo e muita satisfação. Não obstante, o momento mais marcante dessa trajetória foi quando, como presidente, assumi o encargo de atingir a nossa meta inicial e fundamental de obter a condição definitiva de sociedade componente da IPA, o que foi conquistado mediante aprovação unânime do Council, referendada em 25 de julho 2011 pelo plenário do 42º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado no Palais des Congrès Acropolis, em Nice. Ao concluir, emocionado, o meu agradecimento, em nome dos colegas da Brasileira, veio-me à mente uma frase de Júlio César que aprendera nos bancos escolares: *Alea jacta est!*”

Gley Costa

“A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, apesar de seu início difícil e raízes variadas, conseguiu, ao longo do tempo, transpor os obstáculos à custa de trabalho árduo, persistência e obstinação do grupo de seus fundadores, que acreditaram na sua necessidade, importância e viabilidade. Em nossa caminhada rumo a esse projeto, alguns companheiros não permanecem entre nós. Fomos ganhando robustez, ocupando cargos, formando profissionais – muitos dos quais alcançaram destaques significativos dentro e fora da instituição. A Sociedade hoje está de parabéns pelas conquistas obtidas. Que nós continuemos fiéis à ética, aos ideais e ao profissionalismo do grupo. A todos, os parabéns!”

Izolina Fanzeres

## Totem e tabu

### Uma recomendação para o nosso tempo

Ignácio Paim Filho \*

Refletir sobre os 100 anos de Totem e Tabu em poucas linhas é seguramente um desafio, por dois grandes motivos: primeiro, por ter sido considerado por Freud seu melhor trabalho depois do livro da Interpretação dos Sonhos; e, segundo, por se tratar do livro que confere sustentabilidade à proposição paradigmática do complexo de Édipo, estruturando o indivíduo e o meio cultural. Entretanto, apesar dessa constatação, convido os leitores a fazer uma viagem pelos caminhos que levaram Freud à construção do seu mito das origens.

Começamos pelo final do século XIX: Freud, em 1897, em carta a Fliess, nomeia pela primeira vez o que virá a ser em 1910 o Complexo de Édipo, vendo neste uma marca constitutiva e fundante do humano. No decorrer de toda sua obra, buscará dar sustentação a essa premissa, fazendo do *Homo Sapiens* um sujeito prisioneiro de seus desejos parricidas e incestuosos. Assim, todos fomos e, diríamos, seguimos sendo Édipo: cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado adulto (1897, p.273). Sendo assim, inspirado por Édipo Rei de Sófocles, Freud inventa a família edípiana.

Falando em família, encontra novamente na literatura (1897/1900) mais um exemplo que fornece ancoragem para buscar a universalidade da tragédia edípica. Dessa vez, sai do teatro grego, encontrando no teatro elisabetano de

Shakespeare o drama de Hamlet: a presentificação de um filho culpado por seus desejos parricidas e incestuosos. A história narra a tragédia edípica do príncipe dinamarquês, que se vê paralisado diante da determinação do espectro de seu pai, que lhe impõe a tarefa de vingar seu assassinato – cometido por seu irmão Claudius –, que ficou com seu reino e casou-se com a rainha viúva. Freud sustentará a tese de que a impossibilidade de Hamlet executar o designo paterno se deve ao fato de Claudius ter realizado em ato aquilo que Hamlet desejava na fantasia: matar o pai e casar-se com a mãe.

Portanto, com Édipo de Sófocles e Hamlet de Shakespeare, Freud conquista a meta de demonstrar o lugar do complexo de Édipo mais além da patologia, que propicia condições para que em 1913 escreva o trabalho Totem e Tabu. Nesse constrói uma teorização metapsicológica a respeito desse complexo, em que formula os caminhos pelos quais a ontogênese repete a filogênese, destacando que esse processo está ancorado nas vias identificatórias. Neste trabalho de 1913, um verdadeiro mito psicanalítico, deparamo-nos com a seguinte assertiva: no início dos tempos, existia uma horda primeva governada por um macho violento, despótico, ciumento, que mantinha para si todas as fêmeas e expulsava os filhos homens à medida que cresciam. Certo dia, esses machos que viviam no exílio retornam, matam e devoram o pai. Após esse duplo ato, determinam a criação de um totem (representante da figura paterna) e de dois tabus: a proibição do assassinato do totem (parricídio) e a proibição do acesso às mulheres do pai (incesto). Diante do estabelecimento do totem e do tabu, dar-se-á o caminho da endogamia para a exogamia.

Essas duas grandes leis estão na base de toda a organização social e psíquica. Na esfera psíquica, se faz presente no desejo parricida e incestuoso que é interdito pela força do recalçamento; no social, pela lei que determina o reconhecimento da alteridade, visando mediar

## 20 anos em poucas linhas

*“Quando começamos, na segunda metade de 1989, a pensar que seria possível nos reunirmos, nós, um grupo de colegas oriundos de sociedades de Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, com a finalidade de constituir uma instituição que nos agregasse para continuarmos estudando e trabalhando no campo que tínhamos escolhido, a psicanálise, a maioria de nós pensou em organizarmos uma instituição que viesse a ser vinculada à Associação Psicanalítica Internacional. Todos nós estávamos já vinculados à IPA, com exceção de alguns queridos e inteligentes colegas, dos quais guardo gratas recordações, que resolveram se afastar do grupo original. Do Grupo de Estudos tivemos uma rápida progressão para Sociedade Provisória e para Sociedade Permanente. Nosso grupo era convicto de seus ideais e com objetivos realistas. Trabalhamos muito, pois, para a caminhada, não era necessário apenas enfrentar as condições burocrático-institucionais, mas também as dificuldades materiais. Organizamos os estatutos e regulamentos. Conseguimos com esforço organizar nossa biblioteca e as ligações com as principais revistas de psicanálise. Nosso comitê de visita revisava nossas iniciativas e movimentos, nos orientava sempre da melhor maneira e aprovava com entusiasmo o que fazíamos bem-feito. As pessoas que o constituíram, de Buenos Aires, foram da maior integridade e capacidade amorosa para nos apoiar. Muito devemos ao comitê e a seus vários membros, não sendo o caso de aqui citá-los. Hoje somos uma sociedade em estágio de amadurecimento, que já pode falar em 20 anos de história. Dificuldades institucionais aconteceram como sempre acontecem, dissensões e acertos, alegrias e dificuldades, algumas desilusões, todas essas questões ligadas à condição humana e às vicissitudes que essa condição carrega para as instituições. Mas vencemos e aqui estamos.”*

Marco Aurélio Rosa

## 20 anos em poucas linhas

“Disseram-me: ‘um depoimento em mais ou menos 10 linhas sobre...’. Mas as minhas linhas não se alinham, elas se enroscam num desalinho de fios que convergem/divergem, formando novelos, novelas? Minhas memórias? Não tenho nada mais a dizer, só a acrescentar, escreveu sobre isso Gore Vidal. A biografia coleta fatos que estão, ou estarão, nos anais, nos papéis, nos cartórios. As memórias não. Elas se expandem, aumentam, se transmitem, voam e até, quem sabe, um dia voam e se vão. Para onde? Não sei ou não lembro. Já disse o grande Pontalis, que tanto voou, mas desta vez não voltou, que não existe modo de diferenciar nosso trabalho do trabalho dos historiadores, que sabem, desde há muito que, mesmo atendo-se estritamente aos fatos estabelecidos, a escolha e interpretação desses é questão de interpretação, que não há história sem construção e inclusive, entre os mais ousados, que ficção e verdade caminham juntas: “Indiscutivelmente, o historiador deve sonhar seriamente, mas deve sonhar”. Essa é uma – a nossa – história de sonhos que sonhamos e que nos sonharam, e que seguimos/seguiram sonhando-nos, pois o sonho não acabou, ao contrário do que certa vez cantou o Gil. Mas, espera aí, tudo foi/é um sonho? E vocês acham pouco!? Favor não esquecer (enquanto for possível) que os sonhos fundaram/sonharam a própria Psicanálise (que por sua vez fundou-os/sonhou-os)! Acho que perdi a(s) linha(s). O que mesmo eu ia dizer? Ah! Bons sonhos a todos e até (o) amanhã.”

Renato Trachtenberg.

cont. Totem e Tabu: uma recomendação para o nosso tempo

as relações de trocas e alianças entre os seus componentes. Talvez pudéssemos dizer que a cultura apresenta-se, ou deveria se apresentar, como um corpo de interdições. Aqui lembramos o adágio freudiano em que somente há proibição onde há desejo, e mais, a presença de sentimentos idênticos (desejos) na vítima e no carrasco, base de todo código penal humano. Com diz Freud: o pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo (1913, p.171).

As ideias desenvolvidas nesse trabalho centenário, repleto de complexidades, seguem instigando o pensador Freud por toda a sua vida. Nesse sentido, irá produzir alguns trabalhos lapidares, como em 1921, Psicologia das massas e análise do eu; em 1927, Dostoiévski e o parricídio; e, finalmente, em um dos seus últimos trabalhos, Moisés e o monoteísmo, ratifica e enfatiza o lugar central dos desejos parricidas e incestuosos na configuração do humano e seu meio social.

Dando sequência e concluindo o enunciado de 1897, em seu artigo inacabado Esboço de Psicanálise, de 1940, faz a seguinte afirmação: Aventuro-me a dizer que, se a Psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso já lhe daria direito de ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade (p.221).

Eis aqui, sinteticamente, a tese freudiana sobre o advento da cultura e do sujeito: assassinato (nascimento do pai como função) – devorar (identificação/saudade do pai morto) – renúncia (sagrado /não profanar o corpo da mãe) – lei (proibição).

Após esse rápido percorrido pelas origens e pelo destino das proposições estruturadas em Totem e Tabu, uma pergunta se estabelece: o que fez Freud seguir trabalhando obstinadamente

essa temática por mais de quarenta anos, tal qual Moisés pregando no deserto? Julgo que em decorrência da necessidade de corroborar suas teses, bem como de evocar e convocar os analistas para que não desconsiderem o lugar do complexo de Édipo no acontecer e no desenrolar da humanização do bicho homem. Seguindo nessa trilha, por exemplo, é importante esclarecermos que o complexo de Édipo é mais amplo que a conflitiva edípica. Como está posto, nesse trabalho secular de Freud, o complexo está presente desde o momento que de dois se faz três, enquanto a conflitiva apresenta-se na medida em que as diferenças vão se fazendo acontecer.

Quero crer que os estudos desses seus escritos sejam uma boa recomendação para nosso tempo. Um tempo que vem colocando em xeque as diferenças, que pactua de forma trágica com os enlaces narcísicos. Nestes a lei é vista como portadora de más notícias, e como tal deve ser expurgada. Édipo como reconhecimento da castração, que evoca e convoca a possibilidade do amar e ser amado, é desconsiderado, em prol de Narciso, que determina o fascínio de uma paixão sem fronteiras. Portanto, penso que podemos aventar a possibilidade de que vivemos diante das desventuras do tripé patológico do Rei Édipo: filicídio, parricídio e incesto.

Com expectativa de produzir ressonâncias, deixo em aberto algumas interrogações: o que nós analistas pensamos sobre esse mito fundador – “preciosa aquisição da humanidade” – neste tempo sem tempo? Estaríamos diante da demanda de um “novo ato civilizatório”, ou, ainda, de uma “nova ação psíquica”? Se assim o for, que ato seria esse? Acredito que poderíamos e deveríamos explorar respostas a essas e outras questões em nosso congresso em Campo Grande - Ser Contemporâneo: medo e paixão. •

\* Psicanalista da SBPdePA

## 20 anos em poucas linhas

*“Durante os cinco primeiros anos da década de 1980, ocorreu uma situação inusitada entre os psicanalistas de Porto Alegre com a chegada (ou o retorno) de muitos colegas que foram fazer suas formações fora daqui. Viemos de Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo e, tendo consciência de que necessitávamos de uma instituição científica que nos albergasse, unindo esforços com colegas insatisfeitos com as políticas adotadas pela sociedade já existente, fundamos o núcleo do que viria a ser a nossa SBPdePA. Foi um ato de extrema importância para todos e que trouxe benefícios múltiplos para a psicanálise de Porto Alegre em geral, já que a sociedade existente foi obrigada a renovar positivamente seus conceitos assim como esses avanços de todos se constituíram na matriz para a criação de vários núcleos nos quais a difusão e o ensino das bases psicanalíticas são prevalentes.”*

Júlio Campos

*“Estamos comemorando os 20 anos da nossa confirmação como Grupo de Estudos Psicanalítico pela IPA. Alguns anos antes, iniciamos o que se chamou de “Movimento para uma nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre”. Estávamos constituídos por colegas de diferentes origens, com diferentes formações, e nos unimos com o propósito comum de criar um espaço no qual pudesse circular o pensamento de uma forma livre e que prevalecesse o respeito na relação entre todos. Que a nova Sociedade fosse um lugar de estímulo ao crescimento daqueles que nos procurassem para formação e receptivo aos que chegassem de outras instituições. Nesses anos, crescemos talvez mais do que imaginávamos. Já temos várias gerações capazes de dirigir a instituição e transmitir sua experiência e conhecimento. E somos um grupo com tendência pluralista. O nosso desafio, para os próximos vinte anos, é o de não “envelhecer” como Sociedade; de não repetir as mesmas metodologias até que se cristalizem. Agora, numa casa nova, devemos aproveitar o entusiasmo para poder pensar no já construído e pensar nas transformações que nos levem a um futuro criativo, integrando uma convivência agradável com crescimento. Um forte abraço a todos os colegas e um desejo de muitos anos de uma prazenteira aventura espiritual na nossa querida “Brasileira”.*

Newton Aronis

## 20 anos em poucas linhas

*“Minha referência sempre tem sido aquele pacto inicial que fizemos com nosso Comitê Patrocinador. Dali para cá muitas coisas mudaram. Penso que algumas mudanças foram realizadas sem que se tivesse a certeza de que iriam resultar benéficas para a Instituição como um todo. O futuro dirá. Afinal, não é estimulante viver numa acomodação sem riscos. De qualquer forma, temos sido uma Instituição suficientemente adulta para fazer nossas revisões. A verdade é que nosso saldo é amplamente favorável, a ponto de nos termos tornado uma Instituição de marcada presença na comunidade psicanalítica. Por tudo isso devo, ao chegar à minha décima linha, cumprimentar meus colegas fundadores pelo sucesso de nosso trabalho.”*

José Luis Petrucci

*“As minhas 10 linhas são de -boas - memórias e um salto ao presente.*

*Não posso deixar de recordar aos heróicos tempos junto aos colegas fundadores, nosso trabalho com o Sponsoring Committee e tampouco aos heróicos tempos que logo se seguiram, na companhia dos então jovens candidatos. Muitos foram os que acreditaram e conosco se aventuraram nas intermináveis reuniões para a criação da primeira revista da SBPdePA, para o fundação do Núcleo de Infância e Adolescência, do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional, os primeiros Simpósios Internos, etc... A todos minha mais profunda gratidão pela passada e presente doação de sangue, suor, lágrimas e amizade ao longo desses 20 anos de história da Brasileira.*

*Veio o flash, e me vejo, hoje, cruzando o oceano, em direção à África do Sul, como uma contadora de histórias, levando nossa experiência, nossos desafios e nossas dificuldades para o outro lado do mundo. Na bagagem, a SBPdePA fazendo a sua parte com muita alegria e orgulho.”*

Ana Rosa Trachtenberg

## A contemporaneidade do mito das origens

Ana Paula Terra Machado \*

Este ano a publicação de “Totem e Tabu” completa o seu centenário, obra magistral de Freud sobre as origens da organização social, da realidade psíquica individual e de como essas origens se perpetuaram através das gerações.

Dividido em quatro ensaios, o livro apresenta a ideia do mito fundador da cultura: o assassinato do pai da horda primitiva. A partir desse ato primordial, são erigidas as bases do totemismo e as renúncias aos impulsos impostas pelos tabus.

Desde que os filhos expulsos da horda pelo pai violento e possuidor de todas as mulheres reúnem-se e decidem matá-lo, e depois, num ritual canibalístico, o devoram, a história do homem como um ser social começa a se construir.

O remorso pela execução estabelece a proibição de matar o substituto do pai e a renúncia às mulheres do grupo. Instauram-se, assim, os preceitos que irão reger o sistema totêmico. Do sentimento de culpa surgem os dois tabus fundamentais – parricídio e incesto –, que não podem ser violados. A observância dos tabus dá início à moralidade humana e transforma a horda numa comunidade. Cria-se a possibilidade de convívio pela interdição, que tem a força de uma lei, à qual todos estão submetidos. O tabu, como ressalta Freud, torna-se, então, o código não escrito mais antigo da humanidade, mais antigo que os deuses, e remonta a uma época anterior à religião.

A ambivalência emocional presente na origem dos tabus expressa o desejo e a proibição subjacentes ao complexo de Édipo. Dessa forma, o que pertence à mente coletiva ocorre na mente individual.

A analogia entre o funcionamento psíquico do homem primitivo e a dinâmica da neurose permite a compreensão das fantasias inconscientes que povoam o universo psíquico dos neuróticos. O desenvolvimento da libido e a concepção do mundo também são equiparados.

A primeira fase, a animista, é marcada pela onipotência do pensamento, correspondendo ao narcisismo. Nesse momento, o homem centra nele mesmo a possibilidade de controle do mundo. A fase religiosa corresponde à escolha objetal. A onipotência perde sua força e o poder é, então, dos pais e dos deuses, caracterizando a conflitiva edípica. Na terceira fase, a científica, o indivíduo abre mão da sua onipotência, reconhece a castração, vigorando o princípio da realidade.

Essas etapas do pensamento humano, que, em certa medida, ainda coexistem nos indivíduos e nas manifestações da cultura, são formas de suportar a realidade e de enfrentar o desamparo.

O Pai, ao se tornar, depois da morte, mais forte do que fora vivo, abre o caminho da representação. Os desdobramentos dessa possibilidade de substituição do pai por outras figuras e a identificação oriunda da incorporação no ritual canibalístico estão no cerne da estruturação psíquica e serão determinantes para o surgimento da moral, da religião e da arte.

A cultura funda-se, assim, sob a égide de um pacto que impõe limites ao desejo, às paixões humanas. O medo da punição a quem cedesse aos impulsos restringiu o ato.

As reminiscências desse mito de origem ainda estão presentes no homem contemporâneo. Se os totems não existem mais, os tabus permanecem com sua força interditora, e cada um revive na fantasia, na sua história individual, essa história da humanidade. •

\* Psicanalista da SBPdePA

## 20 anos em poucas linhas

*“Vinte anos não é nada, diz um conhecido tango. Tango, criação da nostalgia de outras terras. Vinte anos de uma sociedade em constante construção, fundada como um lugar da liberdade. Portadora de uma psicanálise criativa, subversiva, distante do burocrático e adaptativo. Traz no seu bojo o pensamento revolucionário de Freud. Logo, uma instituição em constante movimento. Vinte anos não é nada, na medida histórica do tempo. Porém significativa no jogo das gerações. A elas cabe prosseguir o projeto idealizado pelos fundadores, com a responsabilidade ética de preservar os fundamentos. Esperamos haver transmitido os alicerces da revolução corpenicana iniciada por Freud, ruptura dos modelos vigentes. Sangue novo, olhando Freud no retrovisor, psicanálise viva.”*

Leonardo Francischelli

*Como o tempo passa rápido! A Brasileira comemora 20 anos de sua fundação. Éramos poucos, menos de vinte, e hoje somos mais de uma centena. Naquele início, partimos com um objetivo claro: fundarmos, em Porto Alegre, uma nova Instituição filiada à IPA, alicerçada em ideais e valores democráticos, onde tanto a transmissão da psicanálise quanto o convívio entre os membros fossem pautados pelo respeito, liberdade e responsabilidade. Valores que nos serviram de guia nestes vinte anos de estrada - nossos estatutos atestam isso. Os postos e funções do Instituto, como os da Diretoria estão ao alcance de todos. Ainda, o fato de procedermos de instituições mães diferentes nos forçou a escutar-nos, a transigir, a ceder, ou seja, a conviver e aceitar as diferenças. Isso nos deu e nos dá muito trabalho. Como presidente nos primeiros anos, posso atestar que foi muito difícil encontrar o equilíbrio, uma vez que éramos praticamente desconhecidos uns dos outros. Com entusiasmo, afirmo - pelo menos de minha parte ‘Valeu a pena’! VIDA LONGA para a Brasileira.”*

Lores Pedro Meller

## Outono brasileiro

Leonardo Francischelli \*

Freud, em 1930, escreveu “O Mal-Estar na Civilização”. Sabemos da importância desse trabalho. Ele nasceu um pouco antes da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Ali ele fala de três fontes de onde se origina nosso sofrer: “a prepotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade”.

“A liberdade individual não é um bem cultural”, acrescenta ele e também afirma que o ser humano não é feito somente de amor. É dotado também de um forte quinhão agressivo, e por isso o próximo não constitui apenas um colaborador e objeto sexual, mas também serve para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para utilizá-lo sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. Homo hominis lupus (O homem é o lobo do homem), destaca ele.

Freud se apresenta como um homem do seu tempo, diagnosticando o tumulto que se avizinha no cantar das vozes nazistas. Com as cores da alma transparente, ele, ao mesmo tempo, se inclui como cidadão que integra aquele momento da história. Lemos, hoje, muitos comentaristas do nosso Outono, contudo como se eles não fizessem parte desse contexto. Parece que chegaram de outro planeta, falando outro idioma, baixando do avião agora; sem nenhum compromisso, portanto, com aquilo que observam e descrevem.

Quanto de Freud está presente nos corações de nossos manifestantes? Partindo do fio tênue da tarifa, é todo o sistema que desaba. Representam o verdadeiro mal-estar que habita os corações brasileiros. Desmascaram os porões da sociedade brasileira. O filósofo Paulo Arantes falou, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, em “desagregação social”, ainda que o país venha em uma onda de progresso. Somos seres sociais, referia um velho sábio grego, porque possuímos a linguagem. Portanto, somos agentes dessa “desagregação social”, desse legado às gerações que hoje gritam a falência dessa herança carcomida que é proposta. Partilhamos dos negócios do capitalismo globalizado, no qual impera um individualismo elevado à quinta potência, ocultando a luta de classes que sobeja barulhenta.

Alain Badiou, filósofo francês, declarou que o verdadeiro colapso da contemporaneidade é a crise do simbólico. E isso parece muito correto. Ainda mais se pensarmos que os valores de nossa incipiente república foram subvertidos de forma negativa. Tudo se transformou em um balcão de negócios.

Será que diremos o mesmo que Lacan falou em Vincennes aos jovens manifestantes do maio francês: “Enquanto revolucionários, vocês o que aspiram é a ter um maestro”. Cinquenta anos depois, faríamos o mesmo prognóstico?

Giuseppe di Lampedusa já advertiu com seu extraordinário *Il Gattopardo* que muitas vezes se muda para não mudar. Assim desperdiçamos vidas. A história a vemos pelo retrovisor. Esperamos que ela nos ensine um caminho republicano.

O mundo está carente de palavras. Carecemos de leis republicanas.

\* Psicanalista da SBPdePA

## Psicanálise e protesto

Celso Gutfreind \*

Supondo que há uma analogia possível nas relações entre filhos-povo e pais-Estado, respectivamente, podemos avançar estas linhas. Também é preciso pensar que a psicanálise é libertária em sua natureza. Ao buscar a verdade das primeiras relações – a realidade –, revela o quanto não é submissa. Aqui entra em sintonia com os protestos.

O nível de relacionamento entre filhos e pais pode variar entre dois extremos. Um, o grau de submissão absoluta, conforme o qual há excesso de dependência e falta de autonomia. Outro, um funcionamento onipotente, narcisista, autocentrado, como se não precisássemos dos pais quando somos pequenos ou dos outros, quando crescemos.

Decide-o, do ponto de vista psicanalítico, o grau de empatia (de amor) presente nas interações precoces e ulteriores, retomado na transferência. Quanto mais atendida em suas necessidades objetivas e subjetivas, mais a criança poderá construir um vínculo de que prescindirá mais tarde para ir à busca de novos.

Neste caso, escapar dos extremos, não se submetendo aos pais e indo adiante para o amor, o trabalho e o livre pensar, lá onde a liberdade absoluta também não existe, porque, em parte, depende do outro para a sua realização. A criança aprendeu a dura lição de que não pode ser sozinha nem sufocada, daí a luta constante para achar a ótima distância de seu tempo e seu lugar.

Respeitadas as premissas, fazemos a hipótese de que calar-se diante da corrupção, das más condições de transporte, da péssima saúde e de medidas absurdas como a PEC 37 e a “cura gay” equivale a paralisar-se diante de pais que propõem um ambiente insuportável. Nesse sentido, os protestos equivalem ao movimento de um pensamento livre ou a sentimentos não engessados pela autoridade e suas falhas mais do que básicas.

No mesmo sentido ainda, desconhecer que houve avanços, nas últimas décadas, como a diminuição da miséria e a inclusão dos mais pobres na Universidade, pode significar a necessidade de que, façam o que fizerem (Freud), mãe e pai (Estado) nunca estarão fazendo o suficiente em suas tarefas impossíveis.

Agora sim, por outro lado, protestar de forma violenta e de maneira apartidária, acreditando que o radicalismo individual ou a simples expressão da queixa, sem o avanço pela elaboração de outras medidas, podem trazer soluções mágicas, evoca outra vez a onipotência. Aqui se retoma a utopia do começo da vida, espécie de idílio de uma relação a dois com a mãe e a ilusão de que nada falta, embora tudo isso, quando presente, dure pouco tempo e logo venha a ausência, a falta, o terceiro – o negativo –, elementos importantes para a psicanálise.

Voltamos, portanto, à empatia (ao amor) do começo com a hipótese de que, quanto mais estes forem presentes, mais filhos e povo podem avançar em seus protestos e ações, sempre inevitáveis, como, por exemplo, na adolescência.

Claro que psicanálise e política são vastas demais para partirem de duas premissas e chegarem a uma analogia irrefutável. Vida e psicanálise já ensinaram que há múltiplos sentidos nos sintomas e nos fatos. Apenas destaquei um possível.

Convém não se submeter ao que ele diz, mas também não duvidar radicalmente.

\* Psicanalista da SBPdePA